

## RESENHA

PALLAMIN, Vera (org). *Cidade e Cultura: Esfera Pública e Transformação Urbana*. São Paulo, Estação Liberdade, 2002.

Tem sido muito freqüente, nestas épocas de globalização infrene, estudos sobre a inserção das grandes cidades urbanas no novo contexto econômico, político, social e cultural que se impõe no mundo. Há, nesse sentido, uma proliferação, no mercado editorial, de obras que vão da análise da vida cultural das cidades globais à pobreza desencadeada por processos de desenvolvimento cada vez mais impessoais e incontroláveis; da expansão de modos de vida determinados por uma realidade calcada na informatização do cotidiano aos conflitos gerados pelo crescimento desregrado de centros urbanos que, inchados até o seu limite, confundem-se com áreas periféricas desfazendo tanto limites territoriais quanto sociais.

Estas e outras discussões aqui não aventadas são tema de uma recente publicação que, pela diversidade de pontos de vista, pela competência de seus articulistas e pela ênfase que dá a um aspecto im-

portante da questão urbana – a relação entre cidade e cultura – merece leitura atenta de todos os interessados em compreender um pouco mais a complexidade do ambiente urbano nos dias atuais: trata-se de *Cidade e Cultura: Esfera Pública e Transformação Urbana* (São Paulo, Estação Liberdade, 2002), organizado por Vera Pallamin, docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Reunindo arquitetos, sociólogos, historiadores, filósofos e jornalistas, do Brasil e do exterior, o livro nasceu de um seminário teuto-brasileiro, realizado em junho de 2000, pelo Instituto Goethe de São Paulo e pela Universidade de São Paulo, cujas conferências foram apresentadas por personalidades que tinham em comum, nas palavras de Marina Ludemann, que apresenta a obra, “a sensação de mal-estar diante do inconstestável estado de morbidez das cidades” (p. 09). Neste sentido, o que se propõe é analisar a complexidade da relação

entre cultura e cidade de acordo com três perspectivas: cultura e esfera pública, cultura e transformação urbana e arte e espaço urbano.

Em “Espaço Público e Experiência”, Oskar Negt afirma existir atualmente na sociedade uma espécie de *crise erosiva*, em função da qual valores antigos não possuem mais a mesma importância, ao mesmo tempo em que se buscam valores novos que ainda não existem, criando assim um “mundo intermediário” (p. 17). Isto instauraria, segundo o autor, problemas de ordem técnica e econômica: nunca se produziu tanto como atualmente, mas ainda assim os problemas econômicos se adensam. Neste contexto insere-se a vida urbana, ligada incondicionalmente ao espaço público e tornando-se necessário desfazer os contrastes sociais (como a coexistência de uma maioria de pobres com uma minoria de ricos), a fim de que o espaço público não sofra um processo irreversível de erosão, o que pode acarretar uma espécie mais radical de *vácuo moral*.

Em “Vida Urbana e Cultura”, Barbara Freitag-Rouanet comenta a tese do filósofo Vilem Flusser, segundo a qual uma cidade que não tenha cultura própria não existe como cidade, no sentido clássico da palavra, isto é, não possuiria três grandes espaços: o político, o econômico e o cultural. O melhor exemplo, para o filósofo tcheco, seria o da cidade de São Paulo, identificada como um “assentamento de pessoas” (p. 32), já que não teria sido capaz de criar seu espaço cultural próprio. Ainda para o filósofo, uma cidade deve possuir autenticidade e criatividade cultural, desenvolvendo uma cultura urbana que retenha, nos novos códigos, aspectos relevantes do código tradicional. Assim, conclui a autora, pode-se mesmo dizer que “não existe cidade sem cultura e não existe cultura sem cidade” (p. 36).

Em “O Desafio das Tecnologias à Cultura Democrática”, Nicolau Sevcenko dis-

cute as idéias de Habermas sobre a esfera pública, as quais supõem uma certa universalidade de algo que, na verdade, é a expressão de um momento histórico e de um conjunto de sociedade específicos. Essa esfera pública de que fala o filósofo alemão teria validade sobretudo para a Europa e os Estados Unidos, já que se refere sobretudo a grupos sociais articulados pelo mercado, não sendo suficientemente abrangente para alcançar grupos minoritários excluídos. Para o autor, atualmente, com a multiplicação das técnicas de processamento de informações, entre outros fenômenos, percebe-se uma “diminuição drástica das formas de representação tradicionais” (p. 40), tendo como consequência a ruptura entre modernidade e modernismo.

Em “Metropolização”, Walter Prigge afirma que as consequências concretas da globalização transparecem – principalmente nas cidades européias – em quatro dimensões: na fragmentação do espaço urbano, com o centro se transformando cada vez mais em espaço privilegiado de consumo, lazer e turismo; na individualização da estrutura social, em que se questiona a densidade da mistura social e os conceitos de igualdade e solidariedade não mais auto-evidentes; na midialização das culturas urbanas (virtualização, ciberespaço, informatização, internet), por meio da qual as fronteiras entre as culturas baixa e alta se diluem, provocando, por um lado, maior acesso de todos à cultura e, por outro, uma crítica cultural na forma de retorno às obras clássicas e tradicionais; e na periferação do centro, com a freqüente transferência de funções urbanas para as regiões circundantes, fazendo surgir nos espaços periféricos núcleos centrais (com hipermercados, condomínios campestres etc), invertendo as relações entre centro e periferia. Tais transformações, sobretudo os fenômenos de desurbanização do centro, caracterizam “as mudanças profundas

Resenha

Maurício Silva

das estruturas sociais e a dissolução das formas espaciais modernas de centralização” (p. 57).

Finalmente, em “Cultura e Transformação Urbana”, Otília Beatriz Fiori Arantes lembra que, atualmente, o urbanismo existe para incrementar a profiliação urbana, otimizar a competitividade das cidades, numa perspectiva empresarial. Em “Projetos Artísticos nos Espaços não-institucionais de Hoje”, Cláudia Büttner comenta o fato de que projetos artísticos em espaços não institucionais fazem parte atualmente de várias cidades européias. Em “Arte Urbana como Prática Crítica”, Vera M. Pallamin afirma que o espaço público tor-

na-se cada vez mais colonizado, enfatizando a relação entre manifestação artística e espaço público e destacando a arte urbana como prática crítica. E em “São Paulo não é mais uma Cidade”, Laymert Garcia dos Santos faz comentários gerais sobre a cidade urbana e uma exposição de seus sentimentos pessoais em relação à cidade de São Paulo.

Pela diversidade de enfoques, pela procedência das análises e pela chave crítica que impõe uma leitura não-passiva da obra, trata-se de um livro merecedor da atenção de quantos vêem a cidade e a cultura – sobretudo nestas épocas de crise de valores - como conceitos intercambiáveis e realidades interdependentes.

Resenha

Maurício Silva

